

Fernando Soares da Silva Neto
Organizador



Manual de atendimento e inclusão à **População Negra**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Prof^ª. Célia Regina Diniz (Reitora)

Prof^ª. Ivonildes da Silva Fonseca (Vice-Reitora)



EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Cidoval Morais de Sousa (Diretor)

CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

EXPEDIENTE EDUEPB

Erick Ferreira Cabral (Design Gráfico e Editoração)

Jefferson Ricardo Lima A. Nunes (Design Gráfico e Editoração)

Leonardo Ramos Araujo (Design Gráfico e Editoração)

Elizete Amaral de Medeiros (Revisão Linguística)

Antonio de Brito Freire (Revisão Linguística)

Danielle Correia Gomes (Divulgação)

Efigênio Moura (Comunicação)

Carlos Alberto de Araujo Nacre (Assessoria Técnica)

Thaise Cabral Arruda (Assessoria Técnica)

Walter Vasconcelos (Assessoria Técnica)



EDITORA INDEXADA NO SCIELO DESDE 2012



EDITORA FILIADA A ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

FERNANDO SOARES DA SILVA NETO
Organizador

Manual de atendimento e inclusão à **População Negra**



Campina Grande - PB | 2024



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE FISIOTERAPIA
COMPONENTE CURRICULAR: SAÚDE COLETIVA

AUTORES(AS):

ELISA CIRNE FRANÇA
ESDRAS MARIA AMORIM BEZERRA
LARISSA FONSECA GUEDES NOBRE
SARA LETÍCIA FREIRE SILVA

DOCENTE: FERNANDO SOARES DA SILVA NETO

A elaboração deste manual teve como base a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN).

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

M294 Manual de atendimento e inclusão à população negra [recurso eletrônico] / organização e prefácio de Fernando Soares da Silva Neto. – Campina Grande : EDUEPB, 2024.
34 p. il. color. ; 15 x 21 cm.

Obra produzida na disciplina Saúde Coletiva do curso de Fisioterapia (CCBS/UEPB).

ISBN: 978-65-268-0012-6 (Impresso)

ISBN: 978-65-268-0013-3 (19.500 KB - PDF)

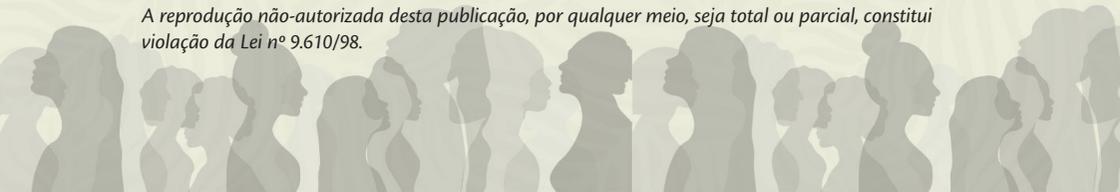
1. População Negra no Brasil. 2. Racismo. 3. Pessoas Negras. I. Silva Neto, Fernando Soares da. II. França, Elisa Cirne. III. Bezerra, Esdras Maria Amorim. IV. Nobre, Larissa Fonseca Guedes. V. Silva, Sara Letícia Freire. VI. Título.

21. ed. CDD 613

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.



PREFÁCIO

Prezado(a) leitor(a), o presente **Manual de Atendimento e Inclusão à População Negra** nasce da urgente necessidade de reconhecer e combater as desigualdades raciais que permeiam nossa sociedade, principalmente no campo da saúde. É um instrumento concebido por discentes e docente especialista, para promover a transformação social, norteado pelos princípios da justiça, da equidade e do respeito à diversidade. Ao longo da história, a população negra foi submetida a um sistema cruel e desumano de opressão e exclusão, que se manifesta até hoje em diversas áreas da vida social.

Este manual se propõe a ser um guia prático para profissionais que atuam em diferentes setores da sociedade, desde o atendimento à saúde até a educação e o mercado de trabalho. Seu objetivo é capacitar esses profissionais para que possam oferecer um atendimento humanizado, acolhedor e livre de preconceitos à população negra, reconhecendo suas necessidades específicas e promovendo sua inclusão social.

A inclusão da população negra é um desafio que exige o engajamento de todos nós. Através da educação, da conscientização e da implementação de políticas públicas eficazes, podemos construir um futuro onde todas as pessoas, independentemente de sua raça ou cor, tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento e realização pessoal.

Este material produzido na disciplina de saúde coletiva, pelas grandes protagonistas, as alunas do curso de Fisioterapia, é apenas um passo nessa jornada, mas representa um compromisso fundamental com a transformação social. Acreditamos que, juntos, podemos construir uma sociedade mais justa, inclusiva e livre do racismo.

Neste cenário, por fim, me sinto honrado quanto docente escrever este prefácio, tendo em vista a produção, cuidado e zelo dos meus/minhas educandos com seu processo de ensino-aprendizagem, formação e transformação social, por meio de ações como está, a qual impacta diretamente o campo da saúde, seguridade social e formação do profissional fisioterapeuta.

Convidamos todos(as) a se unirem a nós nesta luta! Boa Leitura.

Prof. Me. Fernando Soares da Silva Neto





SUMÁRIO

O QUE É A PNSIPN?.....	9
QUEM É A POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL?	10
O QUE É O RACISMO?.....	15
QUAL É A DIFERENÇA ENTRE RACISMO INSTITUCIONAL E ESTRUTURAL?.....	16
EXEMPLOS DE FRASES DITAS POR PROFISSIONAIS DE SAÚDE QUE SÃO RACISTAS.....	18
ESTOU ESTEREOTIPANDO PESSOAS NEGRAS?	19
QUAL A DIFERENÇA DE RAÇA E ETNIA?	20
AUTODECLARAÇÃO?.....	21
PERGUNTAR A “COR, RAÇA, ETNIA” É DISCRIMINAÇÃO OU RACISMO? .	22
AÇÕES DE SAÚDE QUE SÃO RACISTAS.....	23
EU, QUANTO PROFISSIONAL, O QUE POSSO FAZER PARA O ENFRENTAMENTO DO RACISMO?	24
PATOLOGIAS MAIS COMUNS DA POPULAÇÃO NEGRA	26
IDENTIFICANDO O RACISMO NO COTIDIANO	27
FUI VÍTIMA DE RACISMO: O QUE FAZER?.....	28
NUNCA SOFRI RACISMO: COMO POSSO AJUDAR?	29
CONTATOS ÚTEIS.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33





O que é a PNSIPN?

A política nacional de saúde integral da população negra (PNSIPN) é um compromisso firmado pelo ministério da saúde no combate às desigualdades no sistema único de saúde (SUS) e na promoção da saúde da população negra de forma integral, considerando que as iniquidades em saúde são resultados de injustos processos socioeconômicos e culturais – em destaque, o vigente racismo – que corroboram com a morbimortalidade das populações negras brasileiras.



Quem é a população negra no Brasil?

A população negra corresponde a mais da metade da população brasileira (50,7%) de acordo com o censo de 2010 do instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE). dados mais recentes apontam que, em 2015, 53,9% das pessoas se declararam de cor ou raça preta ou parda.



Quem é a população negra no Brasil?

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população negra (pretos e pardos) no Brasil é quase igualmente dividida entre homens e mulheres. No entanto, geralmente há uma ligeira maioria de mulheres negras em comparação com homens negros.

Mulheres negras (pretas e pardas) representavam cerca de 28,3% da população total.

Homens negros (pretos e pardos) representavam cerca de 27,8% da população total.



Quem é a população negra no Brasil?

- 29,5% dos cargos gerenciais, no mercado de trabalho, são ocupados por negros/as, com 69% por brancos;
- 72,9% das pessoas que vivem com menos de US\$ 5,50 por dia, em situação de pobreza, são negras;
- 77% das vítimas de homicídio (Atlas da Violência de 2021) no Brasil são negras;
- A cada 100 mil jovens negros, 51 são assassinados no Brasil. Índice três vezes maior em relação a jovens não-negros (14,6 em 100 mil);
- 66% das mulheres assassinadas no Brasil são negras;
- 12,5% da população negra reside em domicílios sem coleta de lixo, contra 6% da população branca;



Quem é a população negra no Brasil?

- 17,9% da população negra reside em domicílios sem abastecimento de água, contra 11,5% da população branca;
- 42,8% da população negra não tem acesso à esgotamento sanitário por rede coletora ou pluvial, contra 26,5% da população branca;
- 71,9% das pessoas que perderam seus empregos em 2020, durante a pandemia da Covid-19, eram negras;
- 72,9% das pessoas que estão desocupadas, no Brasil, são negras;
- 28,4% das famílias brasileiras chefiadas por pessoas negras estavam passando fome ou sofrendo de insegurança alimentar, durante a pandemia da Covid-19, contra 12,1% de famílias brancas;



Quem é a população negra no Brasil?

Todos esses dados trazem números que comprovam o quanto o nosso país é racista! O que nos traz para a triste realidade de que ser negro/a no Brasil é resistir, todos os dias. Afinal, este país reproduz relações sociais e econômicas profundamente desiguais, que resultam de uma formação histórica racialmente fundada e que se materializa na vida cotidiana da população negra.



O que é o racismo?

O **racismo**, é entendido como uma forma sistemática de discriminação, por meio de práticas conscientes ou inconscientes que resultam em desvantagens a determinado grupo racial. Nesse sentido, o racismo engloba não apenas o preconceito e a discriminação, mas também todas as relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas que desfavorecem uma pessoa ou grupo por conta de sua raça.





RACISMO INSTITUCIONAL

O racismo institucional é a discriminação que ocorre em instituições públicas ou privadas que, de forma direta ou indireta, promove a exclusão ou o preconceito racial. Em empresas, por exemplo, o fato de haver um número muito menor de negros em cargos de gestão é um forte indício de racismo institucional.



RACISMO ESTRUTURAL

O racismo estrutural refere-se ao sistema de práticas, normas e instituições que, intencionalmente ou não, resultam em desigualdade e discriminação racial. Esse tipo de racismo não é apenas sobre atos individuais de preconceito, mas está enraizado em políticas, leis e procedimentos de uma sociedade que perpetuam vantagens para um grupo racial enquanto prejudicam outro.

Qual é a diferença entre racismo institucional e estrutural?





RACISMO INSTITUCIONAL

Caso: Desigualdade no Atendimento Pré-Natal

Contexto: Em um hospital público, mulheres negras relatam consistentemente uma qualidade inferior de atendimento pré-natal em comparação com mulheres brancas. Isso inclui menos consultas de acompanhamento, menor acesso a informações e tratamento mais impessoal.

Detalhes do Problema:

- **Acesso às Consultas:** Mulheres negras têm tempos de espera mais longos para consultas pré-natais.
- **Qualidade do Atendimento:** As queixas e preocupações das mulheres negras são frequentemente minimizadas ou ignoradas.
- **Recursos Disponíveis:** Existe uma disparidade na alocação de recursos, com menos material educativo e suporte psicológico disponível para mulheres negras.

RACISMO ESTRUTURAL

Caso: Desigualdade no Acesso a Cuidados de Saúde de Qualidade

Contexto: Em uma cidade grande, os bairros predominantemente habitados por minorias raciais têm significativamente menos clínicas de saúde, hospitais e recursos médicos em comparação com bairros predominantemente brancos. Isso resulta em uma menor qualidade de cuidados de saúde e piores resultados de saúde para as comunidades de minorias.

Detalhes do Problema:

- **Distribuição de Recursos:** Infraestrutura de saúde inadequada nos bairros de minorias, com menos hospitais, clínicas e profissionais de saúde.
- **Desigualdade Econômica:** Menor investimento em infraestrutura e serviços de saúde em bairros de minorias.
- **Acesso a Cuidados Preventivos:** Menos programas de saúde preventiva e educação em saúde disponíveis.

Observa esses exemplos



Exemplo de frases ditas por profissionais de saúde que são racistas:

“ESSAS DOENÇAS SÃO MAIS COMUNS NA SUA RAÇA NÉ?”

- Pode ser dito de forma estereotipada e sem considerar o contexto individual do paciente

“PESSOAS DA SUA COR TEM MAIOR TOLERÂNCIA A DOR”

- Esta frase perpetua o mito perigoso de que certas raças sentem menos dor, o que pode levar a uma subvalorização das queixas de dor dos pacientes.

“VOCÊ DEVE ESTAR ACOSTUMADO COM ESSE TIPO DE AMBIENTE OU SITUAÇÃO”

- Assume que todas as pessoas de uma determinada raça têm experiências de vida similares, o que é uma generalização prejudicial.

“ESSE TRATAMENTO NÃO É NORMALMENTE UTILIZADO EM PESSOAS COMO VOCÊ”

- Implica que certos tratamentos não são apropriados para pessoas de certas raças, sem base científica adequada.



Essas frases podem não apenas prejudicar a relação terapeuta-paciente, mas também impactar negativamente a saúde e o bem-estar dos pacientes.

É crucial que você, profissionais de saúde recebam treinamento contínuo em sensibilidade cultural e comunicação para evitar tais comportamentos e promover um ambiente inclusivo e respeitoso para todos os pacientes.

Estou estereotipando pessoas negras?

Estereótipos são conceitos ou imagens preconcebidas e generalizadas pelo senso comum sobre algo ou alguém. Têm a finalidade de definir ou limitar pessoas quanto a sua aparência ou comportamento.

Listamos alguns estereótipos racistas vinculados à pessoas negras:

“Negros são irracionais” ou “Negros são movidos por sensações”: associa pessoas negras à irracionalidade e à animalidade;

“Negros são perigosos” ou “Negros são criminosos”: herança do racismo cientificista que tinha por finalidade criminalizar pessoas negras com base em suas características físicas;

“Cabelos crespos, dreads e tranças são sujos”: inferiorização da estética negra;

“Mulheres negras são oferecidas”: hiperssexualização e objetificação da mulher negra;



Qual a diferença de raça e etnia?

RAÇA

O conceito sociológico do termo Raça está ligado às características físicas que são aparentes, como cor da pele, tipo de cabelo e feições do rosto. Apesar de algumas pessoas defenderem que o conceito de raça entre humanos seria inviável do ponto de vista biológico, a raça é um termo de perspectiva sociológica usada para diferenciar grupos de pessoas tendo como base suas características físicas.

ETNIA

O termo etnia está ligado a características socioculturais, como nacionalidade, idioma, tradições, entre outros. O termo etnia é utilizado para distinguir grupos de pessoas que compartilham da mesma cultura e não leva em consideração as características físicas do indivíduo.



Autodeclaração?



A autodeclaração remete à **percepção** de cada um em relação à sua **raça/cor**, o que implica considerar não somente seus traços físicos, mas também a origem étnico-racial, aspectos socioculturais e construção subjetiva do sujeito.

Declarar a sua raça/cor é importante para a construção de políticas públicas, pois permite que os sistemas de informação do SUS consolidem indicadores que traduzem os efeitos dos fenômenos sociais e das desigualdades sobre os diferentes segmentos populacionais.

O Ministério da Saúde, por meio da sua Portaria nº 344, de 1º de fevereiro de 2017, definiu um sistema de classificação com cinco categorias (branca, preta, parda, amarela e indígena) e adota o critério da autodeclaração, ou seja, **o(a) próprio(a) usuário(a) define qual é a sua raça/cor**, com exceção dos casos de recém-nascidos, óbitos ou diante de situações em que **o usuário estiver impossibilitado, cabendo aos familiares ou responsáveis a declaração de sua cor ou pertencimento étnico-racial.**



Perguntar a “cor, raça, etnia” é discriminação ou racismo?

NÃO, TODAVIA.....

naturalizar a pergunta, integrando-a ao conjunto de informações (nome, idade, sexo ao nascer, orientação sexual, gênero e etc.) é uma forma de conhecer melhor os perfis para melhor atendê-los.

É INCLUSÃO

Portanto, identificar o pertencimento racial não é ofensivo ou discriminatório, mas sim uma ação que tem o intuito de identificar, cadastrar e mapear os perfis e suas necessidades específicas.

E não realizar a pergunta dificulta os levantamentos sobre o quesito “Raça, Cor, Etnia”.



Ações de saúde que são racistas:

1 Negligência no Atendimento:

- Atendimento diferenciado ou inferior a pessoas negras em relação a pessoas brancas, seja por discriminação consciente ou inconsciente.
- Descrédito das queixas de dor e sintomas relatados por pacientes negros, levando a diagnósticos tardios ou inadequados.

2 Estereótipos e Preconceitos:

- Uso de estereótipos raciais ao lidar com pacientes negros, como associar a cor da pele a determinadas doenças ou comportamentos.
- Suposições preconceituosas sobre a capacidade de compreensão ou adesão ao tratamento por parte de pacientes negros.

3 Desigualdade no Acesso a Tratamentos:

- Barreiras no acesso a tratamentos avançados e medicamentos caros, muitas vezes disponibilizados de forma desigual, prejudicando a população negra.
- Falta de acesso a tecnologias e procedimentos médicos de ponta, que são mais facilmente oferecidos a populações brancas.

4 Falta de Formação e Sensibilização dos Profissionais de Saúde:

- Insuficiência de treinamento e educação continuada para profissionais de saúde sobre racismo e suas consequências na saúde da população negra.
- Falta de preparo para reconhecer e combater práticas racistas no ambiente de trabalho e no atendimento ao paciente.

5 Invisibilidade das Especificidades da Saúde da População Negra:

- Desconsideração de doenças e condições prevalentes na população negra, como anemia falciforme, hipertensão arterial e diabetes, levando a um tratamento inadequado.
- Falta de inclusão de questões de saúde específicas da população negra nas políticas públicas de saúde e na pesquisa médica.

6 Acesso Inequitativo a Recursos de Saúde Mental:

- Subvalorização dos problemas de saúde mental na população negra e falta de acesso a serviços de saúde mental culturalmente competentes.
- Estigmatização dos pacientes negros com transtornos mentais, o que dificulta o acesso ao tratamento adequado.

Eu, quanto profissional, o que posso fazer para o enfrentamento do racismo?



Educação e conscientização

Informe-se e participe de treinamentos sobre racismo, discriminação e suas implicações na saúde. Entenda como o racismo estrutural afeta os pacientes e a qualidade do atendimento que recebem.

Ambiente inclusivo

Promova um ambiente de trabalho inclusivo, onde todos os pacientes e colegas se sintam respeitados e valorizados, independentemente de sua raça ou etnia.

Atenção ao paciente

Preste atenção às necessidades específicas dos pacientes de diferentes grupos raciais e culturais. Isso inclui reconhecer e abordar possíveis desconfianças que esses pacientes possam ter em relação ao sistema de saúde devido a experiências de discriminação.

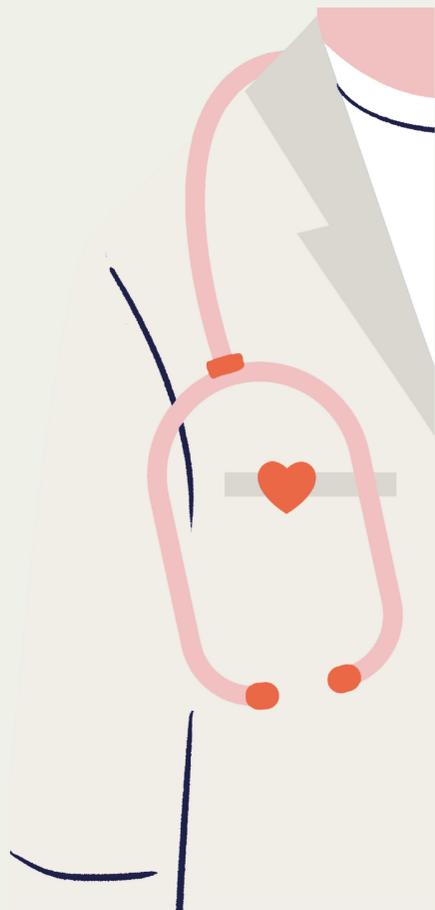
Eu, quanto profissional, o que posso fazer para o enfrentamento do racismo?

Políticas e Protocolos

Trabalhe para implementar e reforçar políticas e protocolos que promovam a equidade racial e combatam o racismo no ambiente de saúde. Isso inclui garantir que as práticas de contratação e promoção sejam justas e inclusivas.

Pesquisa e dados

Envolva-se em pesquisas que visem entender e combater as disparidades raciais na saúde. Use dados para identificar áreas onde o racismo está afetando a saúde dos pacientes e trabalhe para desenvolver estratégias para abordar essas disparidades.



Patologias mais comuns na população negra

GENÉTICAS OU HEREDITÁRIAS



Anemia falciforme

• Anemia falciforme — Doença hereditária, decorrente de uma mutação genética ocorrida há milhares de anos, no continente africano. A doença, que chegou ao Brasil pelo tráfico de escravos, é causada por um gene recessivo, que pode ser encontrado em frequências que variam de 2% a 6% na população brasileira em geral, e de 6% a 10% na população negra.

Diabetes mellitus (tipo II)

• Diabetes mellitus (tipo II) — Esse tipo de diabetes se desenvolve na fase adulta e evolui causando danos em todo o organismo. É a quarta causa de morte e a principal causa de cegueira adquirida no Brasil. Essa doença atinge com mais frequência os homens negros (9% a mais que os homens brancos) e as mulheres negras (em torno de 50% a mais do que as mulheres brancas).

Hipertensão arterial

• Hipertensão arterial — A doença, que atinge 10% a 20% dos adultos, é a causa direta ou indireta de 12% a 14% de todos os óbitos no Brasil. Em geral, a hipertensão é mais alta entre os homens e tende ser mais complicada em negros, de ambos os sexos.

Deficiência de glicose-6-fosfato desidrogenase

• Deficiência de glicose-6-fosfato desidrogenase — Afeta mais de 200 milhões de pessoas no mundo. Apresenta frequência relativamente alta em negros americanos (13%) e populações do Mediterrâneo, como na Itália e no Oriente Médio (5% a 40%). A falta dessa enzima resulta na destruição dos glóbulos vermelhos, levando à anemia hemolítica e, por ser um distúrbio genético ligado ao cromossomo X, é mais frequente nos meninos.



Identificando o racismo no cotidiano

Fazer comentários que associe pessoas negras a situações humilhante desagradáveis e/ou criminosas.

Utilizar elementos das culturas negras ou o blackface como “fantasia” em comemorações.

Tocar os cabelos de pessoas negras sem autorização.

Ignorar, diminuir ou romantizar a violência racial no histórico e na atualidade da sociedade brasileira

Utilizar Linguagem de cunho racista e discriminatório
Exemplo: os termos morena cor do pecado mulata exótico.

Impedir a entrada de pessoas negras nas unidades/prédios /locais sem motivo aparente ou por critério de cor ou raça.



FUI VÍTIMA DE RACISMO

O QUE FAZER?

Em casos de agressão (seja ela física ou verbal) é muito importante fazer uma denúncia. Disque 190

Se o crime está acontecendo, ligue para a Polícia Militar. Se puder, reúna as testemunhas que estavam no momento, e aguarde a polícia chegar.

A denúncia contra crime de racismo pode ser feita em qualquer delegacia e naquelas especializadas em crimes raciais e de intolerância. Vá até a delegacia mais próxima e preste uma queixa.

Se a queixa for registrada corretamente, o caso será encaminhado ao Ministério Público, logo após o inquérito. Ele irá tomar as providências essenciais para abrir o processo criminal.

Posso processar o agressor?

Sim! Após fazer o boletim de ocorrência na delegacia, é possível ingressar com duas ações judiciais, uma criminal e outra cível.

O processo criminal é importante na busca pela justiça, e dá viés ao processo cível, que tem como objetivo conseguir uma indenização, seja ela destinada à pessoa que sofreu injúria, ou a uma entidade que represente a coletividade atingida, no caso de racismo. Procure um advogado.

Na internet não é diferente. O racismo continua sendo crime, aqui e em qualquer lugar. O indicado nesse caso é reunir provas. Tire prints da tela e guarde. Logo após isso, procure a delegacia mais próxima e preste uma queixa.

É importante também denunciar o usuário na rede social em que houve o racismo. Na política de respeito e convivência da maioria das redes há como punição a pronta exclusão do perfil agressor.

Compareça à delegacia! É importante saber que a injúria racial é um crime que precisa de manifestação, portanto o indicado é que você vá até a delegacia. Procure um advogado para te auxiliar.



NUNCA SOFRI RACISMO

COMO POSSO AJUDAR?

Se você presenciou um crime de injúria racial, tente filmar o ocorrido e se ofereça para ir à delegacia com a vítima. Caso o crime seja de racismo, a própria testemunha possui autonomia para denunciar o crime, então tente reunir provas antes de fazer a denúncia.

Além disso, tenha voz ativa. Olhe para si, converse sobre racismo com as pessoas, apoie instituições que combatem o racismo, e se puder, ajude (fazendo uma busca rápida na internet é possível encontrar entidades para contribuir financeiramente).

Pesquisar

Como produtores de conteúdo, também é nossa responsabilidade produzir conteúdo informativo. Se você, autor, estiver munido de conhecimento para instruir alguém que sofreu por crime ou qualquer injustiça, escreva sobre. Nos ajude a levar informação até essas pessoas. Há muitas formas de ajudar, e a Comunidade Jusbrasil é um ótimo canal para começar.



CONTATOS ÚTEIS

Centro Estadual de Referência de Igualdade Racial João Balula - Atendimento social, pedagógico, psicológico e jurídico às pessoas vítimas de racismo, intolerância religiosa e pessoas migrantes.

Rua Rodrigues de Aquino, 220, Centro, João Pessoa (PB)
(83) 3221-6328 - (83) 99340-3946

*ESTADUAL
SECRETARIA DE ESTADO DA MULHER E DA DIVERSIDADE
HUMANA*

Telefone: (83) 3218 7298/3218-7184

Endereço: Rua Odon Bezerra, 34, Tambiá. João Pessoa/PB. CEP: 58.020-500

Campina Grande

COORDENADORIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES

Telefone: (83) 3322-2368

*Endereço: Rua Capitão Joã Alves de Lira, n. 354, Prata. Campina Grande/PB
CEP: 58.101-050*

Ouvidoria da Secretaria de Segurança e Defesa Social

Mário Gomes de Araújo Júnior

08002819010

(83) 98760-3832

ouvidoria.policia@ssp.pb.gov.br

Av. Tabajaras, nº 847 Centro, João Pessoa. 58013-370

CONTATOS ÚTEIS

Telefone: (83) 3218-8300

Site: Defensoria Pública da Paraíba

Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial da Paraíba (CEPIR)

Telefone: (83) 3218-8950

Locais de Denúncia e Apoio Jurídico

Disque 100 - Disque Direitos Humanos

Telefone: (83) 3218-5148

E-mail: crhdaparaiiba@gmail.com

Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional Paraíba (OAB-PB) - Comissão de Igualdade Racial

E-mail: coletivoafrocaete@gmail.com

Instituto de Pesquisa da Afrodescendência (IPAD)

E-mail: ipadpb@gmail.com

Grupo de Mulheres Negras da Paraíba

(GRUMNESP)

E-mail: grumnesp@gmail.com

Centro de Referência da Cultura

Negra - Projeto África Viva

Considerações finais

O processo histórico do Brasil deixou danos irreparáveis, especialmente para a população negra. A desigualdade racial e social estão interligadas e afetam fortemente essa população, como no cotidiano, emprego, renda e saúde. No mercado de trabalho, a discriminação leva a maiores taxas de desemprego e menores salários, perpetuando a desigualdade. Na saúde, há disparidades no acesso a cuidados e exposição a condições inadequadas, resultando em piores resultados para grupos minoritários. O racismo, praticado por indivíduos e instituições, é um determinante social de saúde que impacta todos os aspectos da vida, como trabalho, educação, lazer e ambiente.

Em resposta a essas desigualdades, o Ministério da Saúde, em consonância com o ParticipaSUS, instituiu em 2009 a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Essa política reconhece o racismo como um determinante social das condições de saúde e promove a equidade, com foco no combate ao racismo e à discriminação no SUS, visando reduzir desigualdades étnico-raciais.

Reconhecer e enfrentar o racismo e os estereótipos é essencial. Apenas através de debates abertos e políticas públicas efetivas será possível eliminar práticas discriminatórias e promover uma sociedade mais justa e igualitária. Entender o racismo como um determinante social que afeta diversos aspectos da vida da população negra é crucial para construir um futuro com acesso equitativo a oportunidades, cuidados de saúde, emprego, educação e qualidade de vida.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. – 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017

SANTOS, G. D. Et all. guia de orientação: cor raça etnia. SecSecretaria de igualdade e direitos humanos, Jacarei. 2022. Disponível em: <https://www.jacarei.sp.gov.br/wpcontent/uploads/2022/09/cartilha.pdf> . acesso: 10 de junho de 2024.

COELHO, A. o. Et all. Guia sobre racismo. universidade estadual paulista. 2024. disponível em: https://educadiversidade.unesp.br/guia-de-reconhecimento-orientacao-e-enfrentamento-aosracismos/#O_que_e_raca_e_etnia. acesso: 11 de junho de 2024. Conselho Regional de Serviço Social 17ª Região, vitória - espírito santo, 2017. Disponível em: <http://www.cress-es.org.br/ser-negra-no-brasil-e-resistir/>. Acesso: 29 de junho de 2024.

OLIVEIRA, Fátima. Saúde da População negra. Brasília: Organização Panamericana de Saúde. Organização Mundial de Saúde. Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial, 2001.

SILVA, Hédio Jr.; BENTO, M. A. Silva; RIBEIRO, Matilde. O papel da cor/raça/etnia nas políticas de promoção da igualdade: anotações sobre a experiência do município de Santo André. São Paulo: Ceert, 2003.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Paraíba. Disponível em:(<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-paramulheres/arquivo/assuntos/organismos-governamentais-df-estados-emunicipios/dados/estados/paraiba>). Acesso em: 29 jun. 2024.

PARAÍBA. Centro da Igualdade Racial João Balula atende mais de mil casos de racismo. Disponível em: (<https://paraiba.pb.gov.br/noticias/centro-da-igualdade-racial-joao-balula-atende-mais-de-milcasos-de-racismo>). Acesso em: 29 jun. 2024.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Contatos das Ouvidorias. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/forum-nacional-deouvidores-de-policia-fnop/contatos-das-ouvidorias/copy13_of_ouvidoria-do-acre. Acesso em: 29 jun. 2024.

SILVA, Gustavo. Fui vítima de racismo, o que fazer? JusBrasil, 2021. Disponível em: (<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/fui-vitima-de-racismo-o-que-fazer/855774235/amp>). Acesso em: 29 jun. 2024.



Manual de atendimento e inclusão a População Negra



ISBN 978-65-268-0012-6



9 786526 800126

 eduepb